

6-2002

Estágio Missionário: ao serviço da Igreja local

Hugo Ventura

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Ventura, H. (2002). Estágio Missionário: ao serviço da Igreja local. *Missão Espiritana*, 1 (1). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol1/iss1/12>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

estágio missionário: ao serviço da igreja local

Não posso deixar de recordar o espírito de solidariedade e de partilha que pude descobrir nesta Igreja brasileira. Foi sem dúvida uma agradável surpresa. As dioceses do sul do país, com mais pessoal (padres, irmãs, leigos comprometidos) e mais capacidade económica, ajudam as dioceses do norte, mais pobres e com pessoal insuficiente. Isto é verdadeiro espírito de Igreja Universal

“Dirigimo-nos especialmente aos povos, grupos e pessoas, que não ouviram ainda a mensagem evangélica ou mal a ouviram, àqueles cujas necessidades são maiores e aos oprimidos. Aceitamos também, de bom grado, tarefas para as quais a Igreja dificilmente encontra obreiros”.¹

Como Missionário do Espírito Santo, de acordo com o nosso esquema de formação, no final do curso de Teologia fui enviado para fazer estágio missionário. O país escolhido foi o Brasil. Trabalhei na Prelazia de Tefé, no interior do estado do Amazonas. Durante um ano e meio pude fazer uma descoberta prática e prolongada da vida missionária. Quero partilhar aqui, em forma de avaliação e releitura desta experiência, alguns aspectos que eu vivi de verdadeiro serviço a uma Igreja local.

* Jovem spiritano licenciado em Teologia. recentemente ordenado e nomeado para Tefé, Amazônia.

¹ Regra de Vida Spiritana (RVE) n.º4. 103-109

Passados poucos dias que cheguei à cidade de Tefé, a 525 km de Manaus, algo aconteceu que marcou fortemente toda a minha experiência missionária. Fiquei a conhecer um menino chamado Rikson. Conheci esta criança num sábado à noite. Estava na comunidade de S. António numa festa de convívio com os jovens da cidade. Já estávamos a meio da festa quando alguém me procura. Não conheço o senhor que me está a falar, mas ele sabe que eu sou seminarista. Este jovem pai estava desesperado, pois o seu filho mais novo, Rikson, estava muito doente, entre a vida e a morte, e os pais queriam baptizá-lo. Lá fomos os dois de moto a toda a velocidade. Cheguei a sua casa e lá estava esta pequena criança com uma respiração ofegante deitada na cama dos pais. Realizou-se o baptismo desta criança, estando os seus pais e também padrinhos ao seu lado. Este foi o meu primeiro baptismo. E não o posso esquecer devido às circunstâncias em que este aconteceu.

No rosto deste pequeno, que felizmente está de saúde, pude compreender que o mundo que me rodeava era bem diferente e que era preciso estar de olhos bem abertos!

“Existem ainda vastas áreas onde as Igrejas locais não se encontram, ou são insuficientes relativamente à vastidão do território”²

Este é, na verdade, um dos elementos característicos da missão nesta região. A Igreja que encontrei nestas terras é uma Igreja com pouquíssimos padres. A Prelazia, pois ainda não tem estruturas e pessoal para ser diocese, de Tefé é, a nível territorial, enorme. Tem cerca de 264.000 Km²! Duas vezes e meia o nosso “grande” país que é Portugal! E para toda esta imensidão apenas 11 padres! São 10 as Paróquias, e algumas delas não têm padre residente.

Na Prelazia de Tefé não há padres originários da região: o Bispo é espiritano – D.Sérgio Castrianni, são 7 os Padres dos Missionários do Espírito Santo (Holanda, Portugal, França, Espanha), 2 da Sagrada Família e 2 Diocesanos de outras dioceses do Brasil. Estes felizmente não estão sós. São três as Congregações Religiosas Femininas e ainda uma Equipa de Missionários Leigos.

Cada paróquia tem uma média de 40 a 50 comunidades. Muitas destas, devido às distâncias e ao difícil acesso só têm a visita do sacerdote uma vez por ano. Daí que o catequista tenha uma missão tão importante numa região como esta. Nalgumas visitas feitas a essas comunidades pude sentir esses problemas e desafios para as comunidades.

Apesar de ainda não haver padres originários da região, há um esforço em dinamizar e desenvolver uma Pastoral Vocacional séria junto das comunidades, famílias e principalmente dos mais jovens. Fiz parte de uma equipa vocacional, a qual era composta por um padre, uma irmã, alguns jovens e também um casal. Era essencialmente um trabalho de discernimento vocacional, seja para os que queriam ou pensavam ser padres, como para os que quisessem seguir um caminho diferente.

No Centro Vocacional estão os seminaristas da Prelazia. Não são muitos,

² Redemptoris Missio (RM), 49.

aliás um pequeno grupo. Mas pode ser o início para que esta Igreja possa caminhar com seus próprios pés. Para Libermann esta era uma das chaves principais, a formação de clero indígena.³ O director deste Centro Vocacional é um padre Espiritano, mas a formação que é dada aos jovens seminaristas é com um fim de serem padres diocesanos e não espiritanos. É uma aposta no futuro da Igreja nesta região amazónica. Aliás este é um esforço e uma orientação que está a ser tomada por todos os missionários, das diferentes congregações.

A messe é imensa, mas com tão poucos operários o que fazer? Uma das respostas é descobrir a missão dos leigos e apostar na sua formação. As 10 paróquias da Prelazia estão divididas em sectores. Para cada sector há um animador ou uma equipa que procura animar, incentivar e acompanhar mais de perto as comunidades. Para estes a Prelazia elaborou um programa de formação de 3 anos. No entanto, só podem prestar esse serviço depois de alguma experiência como catequistas nas comunidades e de serem escolhidos por estas. É um programa que consta de 6 etapas, duas por ano. Cada uma dessas etapas tem a duração de 15 dias – noite e dia! É um programa sério e bastante completo, seja com um conteúdo teológico bastante alargado, seja de formação humana e escolar. Durante quase um ano pertenci à equipa encarregada por esta dimensão, formação dos Animadores de Setor da Prelazia. Foi interpelante ver a fé destas pessoas, o interesse e a fome de saber de homens e mulheres para estarem aptos neste ministério ao serviço da Igreja local. Este é, sem dúvida, um dos passos importantes para criar uma Igreja sólida e inculturada.

Não posso deixar de recordar o espírito de solidariedade e de partilha que pude descobrir nesta Igreja brasileira. Foi sem dúvida uma agradável surpresa. As dioceses do sul do país, com mais pessoal (padres, irmãs, leigos comprometidos) e mais capacidade económica, ajudam as dioceses do norte, mais pobres e com pessoal insuficiente. Isto é verdadeiro espírito de Igreja Universal. Neste sentido, se entende a presença de uma equipa de leigos missionários nesta Prelazia de Tefé. Leigos que dão testemunho de grande amor e dedicação. Leigos que têm ao seu encargo uma paróquia onde se encarregam da animação, celebração e formação, visto que o padre só se faz presente algumas vezes por ano.

*“Consideramos como tarefas particularmente importantes nos dias de hoje: o apostolado junto dos jovens, cuja situação reclama mais do que nunca obras sociais e educativas”*⁴

Durante este estágio, na linha da nossa missão como espiritanos e da orientação Pastoral da Prelazia, acompanhei de perto a Pastoral da Juventude. É, na verdade, um trabalho urgente e necessário. A percentagem da população jovem

³ Daí que ele se dedicasse tão intensamente ao problema da preparação do clero nativo. Em 1844, numa carta a Ana Maria Javouhey - “Formar um clero indígena é a coisa mais importante e mais útil à qual nos aplicaremos, com todas as forças. Não creio que seja possível, sem isto, chegar a resultados felizes” - Lettres Spirituelles (L.S.) III, 409

⁴ RVE, nº 18.1

é bastante elevada. Mas esta encontra-se, como aliás todo o povo, abandonada, sem educação de nível, sem espaços culturais, sem emprego, sem perspectivas de futuro. Daí até enveredar pelo caminho da droga, da prostituição e da criminalidade é um passo muito pequeno e infelizmente dado por muitos jovens.

Esta Pastoral da Juventude “visa ajudar o jovem a transformar-se em homem (mulher) vivo (a) por meio de uma autêntica vivência do Evangelho e impulsionar o jovem a que na medida em que evangeliza, evangelize e transforme o seu meio específico de acordo com os valores cristãos”. Juntamente com outros jovens, procuramos dar uma formação humana e espiritual para os que participam dos grupos, mas também procuramos que estes tenham intervenção a nível social.

Na quaresma de 2001, a Campanha da Fraternidade, que se realiza em toda a Igreja do Brasil, teve como tema: “Vida sim, drogas não!” Tema que tocou bem de perto a realidade do jovem. Fizemos um esforço de coordenação de energias tendo como fim o abordar do tema das drogas, do álcool e alertar a juventude para este drama que afecta tanto a sociedade brasileira como mundial. Tomámos algumas iniciativas junto dos grupos de jovens, nas escolas, nas Igrejas, caminhadas, celebrações, retiros, tudo para tentar levar o mais longe possível esta mensagem de vida – “Vida sim!”

Estas são algumas impressões do que vi e vivi durante esta experiência missionária. Pude sentir e compreender melhor o que é ser Igreja e de me comprometer mais na missão de Cristo Redentor no mundo. Pude também compreender a actualidade deste sonho missionário de Libermann para o continente africano. Mas que sonho era esse?

Projecto Missionário de Libermann

Francisco Libermann, um dos fundadores dos Missionários do Espírito Santo, tem uma visão bastante ampla do que é ser Igreja. Aponta para a necessidade de se formar uma Igreja local sólida para que esta Boa Nova entre na cultura de um povo. Uma das orientações que dava aos seus missionários era que estes não se preocupassem apenas em fundar igrejas nas terras de missão, mas em fundar igrejas com a cor local. “*Um só caminho nos parece viável: o de nos apoiarmos desde o princípio numa organização estável e inerente ao solo que queremos cultivar*”.⁵ Libermann não nos fala em inculturação, mas dá elementos concretos para que o Evangelho assente na cultura da terra, na sua língua, na sua gente e no seu viver.

Sente que é urgente evangelizar. Mas não pretende que essa evangelização seja feita de modo anárquico e superficial. É por este motivo, e tendo em conta o compromisso de evangelização em África, que ele apresenta à Congregação da Propaganda três Memoriais sobre o seu Projecto Missionário para esse continente.⁶

Propõe estes planos sempre com uma perspectiva de futuro. Está bem cons-

⁵ Notes et Documents (N.D.) VIII, 242.

⁶ O primeiro é de 27 de Março de 1840. O segundo, de 23 de Outubro de 1844. O último é de 15 de Agosto de 1846.

ciente de que estes planos não são fixos, mas provisórios, flexíveis e sujeitos a mudança, conforme o tempo e a experiência o vão dizendo – “*Para obter um resultado estável, é preciso que uma visão de futuro presida aos projectos, e uma perspectiva do tempo à execução dos detalhes, que pedem uma grande paciência e perseverança*”.⁷

Para ele, evangelizar é significado de edificar a Igreja. Uma evangelização em profundidade conduz necessariamente à formação de novas comunidades de fé em Jesus Cristo. Deseja edificar sobre rocha firme. Quer uma igreja que possa continuar a viver e a crescer, mesmo depois dos missionários estrangeiros partirem. Importa, sim, “*formar solidamente e de modo estável*”.⁸

A base deste Projecto Missionário é a **alfabetização**. Alfabetização essa que permitirá aos jovens terem uma compreensão mais fácil do Evangelho e que, ao mesmo tempo, pode criar uma base de desenvolvimento e promoção humana. Este é o meio que Libermann apresenta para que o Evangelho se enraíze na alma de um povo e para que surjam verdadeiras comunidades cristãs.

Outro elemento importante, neste processo de evangelização que Libermann propõe aos seus missionários, é a **formação de leigos**. Leigos que colaborem na evangelização, tanto como catequistas como noutras profissões. Trata-se de Agentes de Evangelização, líderes de comunidade que surgem do próprio povo e que podem ser garantia de uma Igreja bem alicerçada. Para estes, vendo neles um papel importantíssimo, Libermann chega a propor a Roma que lhes sejam conferidas as ordens menores. Proposta que será recusada. Mas esta aparece como uma visão profética na compreensão dos ministérios eclesiais, tendo como fundamento a prática das primeiras comunidades.⁹

Mas a chave principal em todo este processo é o **clero local**. É um dos problemas com o qual ele se preocupa a fundo. Trata-se da criação e formação de um clero indígena capaz de vir, no futuro, a tomar em suas mãos a responsabilidade da Igreja local. Aos missionários que envia para a missão, Libermann dá orientações para que sejam formados sacerdotes nativos - “*Cada vez me convenço mais de que é preciso decididamente lançar mão de todos os meios possíveis para formar um clero indígena*”.¹⁰ Chegou a fazer vários projectos para abrir seminários menores na África, e trazer depois para a Europa os seminaristas para os cursos de Filosofia e Teologia, mas alguns desses projectos não foram em frente.

A todos os missionários incentiva a que estejam ao serviço do crescimento destas Igrejas: procurando ajudá-las a crescer, de tal modo que elas possam assumir a sua própria caminhada e prontos a retirarem-se quando a sua presença já não fôr necessária.

Com este Projecto Missionário, Libermann mostra que a maneira mais eficaz para assegurar a tão desejada estabilidade da Igreja em África, ou noutros conti-

⁷ N.D. VIII, 242.

⁸ Ibidem.

⁹ Cf. N.D. VIII, 246-247.

¹⁰ L.S. IV, 120; N.D. X, 453 - “Os missionários deverão procurar formar, por todos os meios que a Providência lhes proporcionar, um clero tirado do próprio país”

centes, será fazer com que a África, ela mesma, construa a sua história, com o seu clero, os seus religiosos, as suas religiosas, os seus catequistas, etc. Que aí nasça uma Igreja sólida e alicerçada em Cristo. A necessidade da Igreja local para o anúncio do Evangelho foi uma das grandes intuições de Libermann. A sua doutrina a este respeito está perfeitamente em sintonia com a doutrina do Vaticano II e mesmo com a actual Teologia da Missão.

3. A Missão de Cristo Redentor

“ A missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento. (...) Uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão está ainda no começo e que devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço”¹¹

Na Encíclica *Redemptoris Missio*, o Papa João Paulo II, aborda o tema da Actividade Missionária da Igreja. Recorda um aspecto essencial da missão da Igreja: toda a Igreja é, por natureza, missionária e todo o cristão é, pelo baptismo, chamado a ser Apóstolo - *“O Senhor Jesus enviou os seus Apóstolos, a todas as pessoas, a todos os povos e a todos os lugares da terra. Nos Apóstolos, a Igreja recebeu uma missão universal, sem limites, referindo-se à salvação em toda a sua integridade, segundo aquela plenitude de vida que Cristo veio trazer: ela foi enviada para manifestar e comunicar a caridade de Deus a todos os homens e povos”*.¹²

O Projecto do Pai, de querer salvar todos os homens, de fazê-los participar de sua vida e amor, leva-O a enviar ao mundo Seu Filho Jesus e o Espírito Santo. Cristo é o Enviado, o Missionário do Pai. Depois do Pentecostes, toda a Igreja é convidada a ser missionária, a ser testemunha: *“Ide, pois, ensinai todas as nações(...). Eu estarei convosco todos os dias até aos confins do mundo”*.¹³

A Igreja não pode entender-se a partir de si mesma. Ela não existe para si mesma. Está ao serviço do Reino de Deus. E o mundo é o lugar da realização histórica deste Reino.

Hoje, mais do que nunca, o homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres¹⁴, pelo que uma das primeiras formas de evangelização é o testemunho. *“É a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial, que torna visível um novo modo de se comportar”*¹⁵. Nesta encíclica, o Papa lembra alguns aspectos deste testemunho a que o mundo de hoje é particularmente sensível:

– A atenção às pessoas e a caridade para com os pobres, os mais pequenos e os que sofrem;

¹¹ RM, 1.

¹² Ibid, 31.

¹³ Mt 28, 18-20.

¹⁴ Cf. EN, 41.

¹⁵ RM, 42.

– O empenho pela paz, pela justiça, pelos direitos do homem e pela promoção humana;

– As tomadas de posição corajosas e proféticas, face à corrupção do poder político e económico.¹⁶

Um segundo passo é o anúncio de Cristo Salvador. Pretende-se sublinhar que a Igreja, em toda a sua existência, tem esta prioridade: proclamar a Boa Nova de que Deus ama os homens e os quer salvar. Trata-se da proclamação a todos os povos do Mistério de Cristo: crucificado, morto e ressuscitado.¹⁷

A conversão é, então, a consequência do acolhimento e da escuta da Palavra de Deus. O Papa define esta conversão como “adesão plena e sincera a Cristo e ao seu evangelho, mediante a fé”.¹⁸ Trata-se de uma nova vida, à qual se refere Jesus no seu diálogo com Nicodemos, e que se concretiza no Baptismo, sinal e sacramento da conversão – “O baptismo, de facto, regenera-nos para a vida de filhos de Deus, une-nos a Jesus Cristo e unge-nos no Espírito Santo”.¹⁹

Uma vez convertidas as pessoas, a actividade missionária leva-as a viverem em comunidade, partilhando a fé e a caridade. É essa comunhão que se chama Igreja local. Diz-nos a Redemptoris Missio: “A missão Ad Gentes tem este objectivo: fundar comunidades cristãs, desenvolver Igrejas até à sua plena maturação. Esta é uma meta central e qualificativa da actividade missionária...”.²⁰ A actividade missionária só atinge o seu fim quando se cria esse sinal (Igreja) que é sacramento que revela ao mundo todo o mistério do amor de Deus.

Insiste, ainda, para que se encontrem modelos eclesiais – “grupos de cristãos, a nível familiar ou de ambientes restritos, que se encontram para a oração, a leitura da Sagrada Escritura, a catequese, a partilha dos problemas humanos e eclesiais, em vista de um compromisso comum”²¹ - que ajudem a viver intensamente este mistério da Igreja. Nesta linha de pensamento, João Paulo II salienta um desafio para toda a Igreja, o da encarnação do Evangelho na cultura dos povos. Este é um desafio “particularmente agudo e urgente”.²²

Nesta Encíclica o Papa explicita corajosamente o sonho missionário de Jesus: “Como o Pai me enviou também eu vos envio...”.²³

Foi com este mesmo sonho missionário que eu parti para terras da Amazónia. Também eu senti que “nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja se pode esquivar a este dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos”.²⁴

¹⁶ Cf. Ibid, 42-43.

¹⁷ Cf. Ibid, 44-45.

¹⁸ Ibid, 46.

¹⁹ RM, 47.

²⁰ Ibid, 48.

²¹ Ibid, 51.

²² Ibid, 52.

²³ Jo 20, 21-22.

²⁴ RM, 3.

